

Título: Obras Completas
Vol. I

Autor: Branquinho da Fonseca

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Revisão do texto: Paula Lobo

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Janeiro de 2010

ISBN: 978-972-27-1834-9

Depósito legal: 304 867/10

PREFÁCIO

I

Branquinho da Fonseca (1905-1974) não gostava de prefácios: considerava-os textos intrusivos e inoportunos, que nada acrescentam aos livros; apenas os incomodam. É de crer, portanto, que, confrontado com um prefácio à entrada da edição da sua Obra Completa, o escritor não se mostrasse muito entusiasmado. Por conseguinte, não despertemos a fúria das Erínias, e façamos apenas uma nota proemial, que possa corresponder aos propósitos do editor, mas não intensifique, em desmesura, o manifesto desgosto do autor.

A presente edição da obra completa de Branquinho da Fonseca recupera alguns textos dispersos e um livro de poemas parcialmente inédito, intitulado Vento de Longe. Apesar do acréscimo, o corpus literário fonsequiano continua a ser relativamente exíguo, se comparado com o de outros escritores seus contemporâneos, como, por exemplo, José Régio e Tomaz de Figueiredo, dois narradores prolíficos e polifacetados, que juntam às somas romanescas uma apreciável produção poética. Não é, pois, pela extensão da obra que se deve apreciar a importância do autor de Rio Turvo no contexto da cultura portuguesa do século XX.

Avesso a uma relação com a escrita fundamentada em desígnios de carreira ou profissão literária, Branquinho nun-

ca hipostasiou a literatura nem a figura do escritor. Muito pelo contrário, sempre considerou, de forma antipessoana, que a vida vem sempre em primeiro lugar, colocando-se, portanto, nos antípodas da máxima latina adoptada por Pessoa: «Navegar é preciso, viver não é preciso.» Escrever livros é apenas um acidente, não negligenciável, é certo, mas que não deve inibir o intelectual de exercer outras possibilidades de intervenção na sociedade e no mundo. E, na verdade, a actividade cultural do escritor foi sempre coerente com o seu pensamento. Convidado por Azeredo Perdigão para fundar e dirigir o Serviço de Bibliotecas Itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, Branquinho da Fonseca não só aceitou o convite, como se entregou à tarefa com uma dedicação de missionário. O convite era, aliás, justificado pela experiência bem sucedida que já havia levado a cabo na Nazaré — onde ajudou a fundar a biblioteca pública — e em Cascais, como conservador do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães. Foi nesta instituição que Branquinho ensaiou, pela primeira vez, o serviço público de bibliotecas itinerantes, que viria a desenvolver e expandir, com mais recursos, na Gulbenkian.

Carecido de tempo, e escrevendo apenas por necessidade de expressão, era previsível que a obra literária fosse prejudicada pelo trabalho cultural. E assim aconteceu, de facto, pois entre 1958 — data do início das Bibliotecas Itinerantes da Gulbenkian — e o ano em que faleceu (1974), o escritor não publicou nenhum livro de criação pessoal, tendo-se limitado à edição de antologias temáticas. Mas a perda não foi total, porque milhares de portugueses, vivendo em lugares mais ou menos remotos, agradecem ao inventor das «carrinhas da Gulbenkian» a oportunidade que lhes ofereceu de lerem os livros que ele amorosamente distribuía pelo País. Não precisava de fazer mais nada para merecer um lugar de relevo na nossa história contemporânea. Mas fez mais, e ainda bem, porque o universo literário que criou — coeso e formalmente variado — não receia a comparação com outros mais alongados e ambiciosos. Sob o signo da brevidade — material e genológica —, a obra literária fonssequiana é inteiramente merecedora do interesse crítico que vem despertando em jovens

estudiosos da Literatura Portuguesa, já distantes, felizmente, dos preconceitos pseudomodernos que, durante décadas, olharam, de modo enviesado, os escritores presencistas.

II

Como escritor, Branquinho da Fonseca experimentou vários modos e géneros literários, desde o poema lírico ao conto, passando pelo romance, a novela, o texto dramático e o poema em prosa. Como artista, interessou-se também pela fotografia, o desenho, o cinema e o design gráfico. É, por exemplo, de sua autoria o logótipo da Presença (1927-1940), revista que fundou e ajudou a amadurecer, na companhia de José Régio e João Gaspar Simões. E foi precisamente nas páginas da Presença que publicou montagens fotográficas, visualmente reveladoras do grafismo cuidado e original que imprimiu à revista. Acrescenta-se ainda a elaboração de várias antologias, de poesia e prosa, bem como algumas traduções, trabalhos que continuam, de certo modo, a sua actividade de divulgador cultural exercida na Fundação Calouste Gulbenkian.

Formalmente diversificada, a obra fonssequiana é, no entanto, subsumível a uma orientação estético-literária nitidamente contística. Escrevendo textos para teatro, tentando as teias complexas do romance, ou aventurando-se na liberdade aparente do poema em prosa, o autor de O Barão é sempre um contista à procura da melhor forma para o conto — esse género tão difícil de dominar, concertando, nos melhores momentos, a vontade de efabular e a necessidade de exprimir, ou seja, participando, ao mesmo tempo, da intenção novelística e do labor poético.

Como acontece com Miguel Torga, é, de facto, no conto que Branquinho encontra os mecanismos discursivos que melhor se harmonizam com o seu talento narrativo. Tributário de uma cosmovisão lírica e grotesca, sem deixar de ser realista, mas pouco municiado para a restritiva contenção poética

e para a expansiva complexidade romanesca, o escritor, rigoroso e exigente, encontra no texto contístico um «lugar» de duplo compromisso, que sabe rendibilizar com inegável proveito estético. Na verdade, desde a narratividade inscrita em muitos poemas e textos dramáticos até à fragmentação semântico-estrutural do seu único romance (Porta de Minerva), tudo na obra de Branquinho configura uma natural «vocação de contista». Caminhos Magnéticos (1938), O Barão (1942), Rio Turvo (1945) e Bandeira Preta (1956) são alguns exemplos irrefragáveis, mas também o conjunto de contos que, praticamente justapostos em capítulos, perfazem o romance Porta de Minerva (1947), e mesmo, por um viés de oficina escritural, a novela Mar Santo (1952), que começou por ser um conto, pretendeu ser um romance e, depois da leitura crítica e respeitada de José Régio, se conformou ao estatuto de novela. Nesta edição, em boa hora levada a cabo pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, podemos ainda confirmar estes pressupostos de leitura através de textos seminais e dignos de atenção, como os «contos-poemas» — ou actualíssimos microcontos — de Zonas (1931-1932), um livro há muito esquecido, e que pode agora ser devidamente reavaliado como texto fundador de um percurso literário dominado pela brevitatis narrativa.

Esta edição cumpre um ofício cultural que Branquinho da Fonseca — um homem que gostava de livros — certamente aprovaria. Quem conhece a sua obra fica agradecido pela oportunidade de a reler, de forma contextualizada e mais intensa; quem não a conhece tem agora a possibilidade de sentir o prazer imenso de ceder ao fascínio de «um dos feiticeiros da Literatura Portuguesa», como, em momento de feliz inspiração, Pierre Hourcade designou Branquinho da Fonseca. Creio que muitos leitores ficarão surpreendidos e se deixarão agradavelmente contaminar pelo feitiço.

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA

POEMAS

1.^a edição: Lumen, Coimbra, 1926.

2.^a edição: a actual.

A Maria Manuel

— Invoco teu nome com intenção idêntica à da gente da minha serra quando, ao tentar senda difícil e perigosa, diz: «Valha-me Nossa Senhora!» Se não chegar ao alto do caminho escalavrado, ao menos, a par da tristeza, não sentirei roer no coração o remorso de ter esquecido o auxílio da divina graça.

Até quando direis palavras vãs?

Livro de Job.

Anda conforme os caminhos do teu coração e segundo os desejos em que põem mira os teus olhos...

Livro de Eclesiastes.

LIVRO DE JOB

A meus pais

SONETO DE JOB

Como espiral brandíssima de fumo,
que a ventania do deserto ergueu
pra desfazer, sem na levar ao céu,
a vida se me esvai por este rumo.

Pois numa sarça ardente me consumo,
e é um rastro de cinzas o que ardeu...
O que fui, o que sou, que serei eu,
Senhor, se nisto apenas me resumo?!

— Sobe o ladrar dos cães à lua cheia...
Ergue-se o vento, apaga-me a candeia
que alumiava... E fico-me sozinho... —

Rói-me a poeira ardente do caminho...
Por quanto sofro e quanto em mim anseio,
sou outro Job, mais mísero e mesquinho...

CANÇÃO DA ALDRABA

Ó minha casa da serra
sem disfarces de caiado,
como é do uso da terra
e também do meu agrado!

Telhas em onda quebrada,
meu triste telhado antigo,
pareces terra lavrada
e semeada de trigo.

Encho-te os regos de milho,
poisam-te as pombas em bando...
Guarda-me como teu filho
enquanto por aqui ando.

A porta já tão velhinha,
gemente, quase que chora...
Não deixa ninguém na rua,
todos a abrem de fora.

Tem apenas uma aldraba;
pois então para que há-de
ter fechadura de chave
como as portas da cidade?

Eu não tenho que roubar,
nunca fiz mal a ninguém:
nada tenho a reccear
como muita gente tem.

Porta do meu coração,
também lá oiço bater...
— mas, ali, só entrarão
um dia, quando eu morrer.

Ó minha porta d'aldraba!
A minha casa é de todos...
Já pouca gente se gaba
desta franqueza de modos.

Aldraba da minha porta,
Meu poema de humildade...
— quantos entram, quantos saem,
sem nos deixarem saudade!

Sai, porém, alguém amado:
tens um som dorido e fundo.
Então devias pesar
mais do que o peso do mundo!

Quem vai prà guerra ou prò mar
há-de erguer-te na saída:
és a última a falar
na hora da despedida.

Ceguinha, sempre vigias,
mas não conheces ninguém,
e sem diferença anuncias
má gente e gente de bem.

Tiveste berço na forja
dum desgraçado ferreiro;
criou-te ao calor das brasas;
cobre-te a neve em Janeiro.

Encontrei-te não sei onde,
já perdida, enferrujada...
Vieste viver comigo
— só te fiz mais desgraçada.

A culpa me seja leve,
hás-de vir a perdoar.
Olha: vestida de neve,
és noiva que vai casar.

Pudesse eu erguer a voz
em teu louvor, algum dia!
— O que nos fazes a nós
coisa alguma o pagaria...

E a porta geme com o vento;
pesam as noites escuras...
Então, o teu sofrimento
sobe-te à boca, murmuras...

Aldraba, gasta, a bater,
cantiga de bom agoiro:
se a Bem-Amada te erguer,
concerto-te a fino oiro!

CANÇÃO DA CHUVA

Ô bruit doux de la pluie
par terre et sur les toits!
Ô le chant de la pluie!

VERLAINE.

Tanto já tenho chorado!
Agora não choro eu
mas chora no meu telhado
a chuva triste do céu...

Tu choras de alto. Ninguém
diz o mesmo do meu choro...
— Aprende para teu bem
que o silêncio é sempre de ouro.

Fazes covinhas no chão,
chorada do meu beiral...
— Doces, são lágrimas? Não,
que as minhas sabem a sal!

Ó beiral da minha casa,
as tuas chora-as o céu!...
Do meu coração em brasa
as minhas choro-as eu!

Eu não sei dos teus cuidados
mas tu tens secas de inferno.
Vê que os meus olhos, coitados,
são sempre fontes de Inverno.

Sabes do tempo das molhas,
sabes que tens de chorar,
se caem mortas as folhas,
se o vento sopra do mar...

Eu não sei quando há-de ser...
Choro às vezes, que faz bem,
mas quantas, sem o saber,
me encontro a chorar também.

Não tem regra o coração...
Anos dos teus quem os dera!
Tinha Inverno, mas, então,
tinha também Primavera.

Não digo, pra não chorar,
que tive amores e perdi-os...
Vão-se e não podem voltar,
são como as águas dos rios...

Acaba, ó chuva! Quem chora,
bem sabes que nada ganha;
nunca, assim, ninguém melhora
de alguma mágoa que tenha.

Dou-te conselhos que, ao fim,
eu primeiro hei-de esquecer,
valha a verdade! Ai de mim,
não me sei arrepender!

Quanto mais choras nos montes
a tua mágoa, mais canta
a voz dos rios, das fontes,
a do mar mais se alevanta.

Rolas nas pedras do chão,
escondes-te em toda a parte...
Mas o sol, por sua mão,
virá à terra buscar-te...

ÍNDICE

| | |
|---|---|
| Prefácio, de ANTÓNIO MANUEL FERREIRA | 7 |
|---|---|

POEMAS

| | |
|--------------------------------|----|
| LIVRO DE JOB | 15 |
| Soneto de Job | 17 |
| Canção da aldraba | 18 |
| Canção da chuva | 21 |
| Canção da candeia acesa | 24 |
| Louvor do sal | 28 |
| Canção da noite | 29 |
| Canção do vento | 31 |
| Canto nocturno | 33 |
| Castanheiros, irmãos... .. | 36 |
| | |
| LIVRO DE SALOMÃO | 39 |
| Soneto de Salomão | 41 |
| Soneto da rosa | 42 |
| Idílio triste num jardim | 43 |
| Soneto para Sulamite | 44 |
| Soneto vespéral | 45 |

| | |
|---|----|
| Prece da natividade | 46 |
| Buscarei aquela a quem ama a minha alma... .. | 47 |
| Soneto de Primavera | 48 |
| Écloga | 49 |
| <i>Nota final</i> | 50 |

MAR COALHADO

| | |
|---|----|
| «Depois de três dias ressuscitarei» | 53 |
| Climas | 55 |
| Domingo | 56 |
| Idílio | 58 |
| Naufrágio | 59 |
| Poema do mar morto | 60 |
| Rapsódia | 62 |
| Oceano pacífico | 64 |
| Cruzada | 65 |
| Mundo de 5 andares | 66 |
| Idade do mundo | 67 |
| Incidências | 69 |
| Paragem | 70 |
| Lago | 71 |
| Metafísica | 72 |

POEMAS DISPERSOS

| | |
|----------------------------------|----|
| Louvor do sal | 75 |
| Canção da noite e da chuva | 76 |
| Fogueiras de São João | 77 |
| Canção da noite | 78 |
| Louvor da água | 80 |
| Canção da candeia acesa | 81 |
| Canção da aldraba | 83 |
| Soneto da rosa | 85 |
| Teatro de variedades | 86 |
| Parábola | 88 |
| Canção sem desalento | 89 |
| Um caminho | 91 |

| | |
|----------------------------|-----|
| Depois | 93 |
| Epígrafe dum poema | 95 |
| Poema duma epígrafe | 96 |
| Oceânias cosmorama | 98 |
| Declive | 100 |
| Len-ga-len-ga | 102 |
| Palhaçada | 104 |
| Geografia | 105 |
| Pirataria | 106 |
| Convicção | 107 |
| Escuridão | 108 |
| Testamento | 109 |
| Chuva | 113 |
| As viagens | 114 |
| Triunfo | 115 |
| Claustro | 116 |
| Mar coalhado | 117 |
| A paisagem da janela | 119 |
| Restauração | 120 |
| Titãs | 121 |
| Universalismo | 122 |
| Lirismo | 123 |
| Desolação | 124 |
| Horizonte | 125 |
| Naufrágio | 127 |
| Romântico | 128 |
| Lago | 129 |
| Climas | 130 |
| Pandeiretas | 131 |
| Varandas | 133 |
| Romeu e Julieta | 134 |
| Diálogo dos mortos | 135 |
| Idílio | 136 |
| Ontem | 137 |
| Domingo | 139 |
| Velho testamento | 141 |
| Indícios da estátua | 142 |
| Wagon-Lit | 143 |
| Desvirtuar | 144 |
| Bairro velho | 145 |
| Biblioteca | 147 |

| | |
|---|-----|
| Mapa-múndi | 148 |
| Madrugadas | 149 |
| Outra lamentação de Jeremias | 150 |
| Relógio | 151 |
| Ídolos | 152 |
| Sombra | 153 |
| Luar | 154 |
| Rosa-dos-ventos | 155 |
| Caminhos brancos | 156 |
| Virgem | 157 |
| Bandeira | 158 |
| Os caminhos lá estão | 159 |
| Nocturno | 160 |
| 7 poemas do mar | 161 |
| Viagens de Ulisses | 167 |
| O naufrago das sereias..... | 168 |
| Vilancete | 170 |
| Cantiga de despedida | 171 |
| Ode à noite..... | 173 |
| Cantigas do mar | 174 |
| Pantomina | 175 |
| Musa quase esquecida..... | 177 |
| <i>Vens ou não vens? ou vieste?</i> | 178 |
| Limites | 179 |

VENTO DE LONGE

| | |
|--------------------------------|-----|
| Virgem | 183 |
| Madrugadas | 184 |
| Casa velha | 185 |
| Limites | 186 |
| De manhã quando o sol... .. | 188 |
| Astrologia..... | 189 |
| Os caminhos lá estão | 190 |
| Bandeira | 191 |
| Litoral | 192 |
| Imagem para uma religião | 193 |
| Salto mortal | 195 |
| Os caminhos sem destino | 196 |
| Ápice | 197 |

| | |
|--|-----|
| Caminhos brancos | 198 |
| Rosa-dos-ventos | 199 |
| Nocturno | 200 |
| Serenata | 201 |
| Musa quase esquecida | 202 |
| Idílio com paisagem | 203 |
| Poema do mar e da serra | 204 |
| O arquipélago das sereias | 206 |
| Pescador | 208 |
| Souvenir africain | 209 |
| Ode à noite | 211 |
| Suave canção | 212 |
| <i>O tempo é outro e devagar</i> | 213 |
| Há sempre todo o mundo | 214 |

TEATRO

| | |
|--|-----|
| Prefácio, de LUIZ FRANCISCO REBELLO | 217 |
| A POSIÇÃO DE GUERRA | 233 |
| OS DOIS | 245 |
| A GRANDE ESTRELA | 253 |
| CURVA DO CÉU | 273 |
| RÃS | 283 |
| QUATRO VIDAS | 293 |

ZONAS

| | |
|--------------------------|-----|
| ANDARES | 303 |
| O ambiente | 305 |
| As pérolas | 306 |
| A rua e as escadas | 307 |
| As pérolas | 309 |
| As outras horas | 310 |

| | |
|--|-----|
| A morte | 311 |
| O encontro | 312 |
| O enterro | 313 |
| A vida | 314 |
| A vida | 316 |
| UM DOS CASOS INCRÍVEIS DO MEU AMIGO BERNARDO | 317 |
| O PASSAGEIRO DE 2. ^a CLASSE | 325 |
| O RESTO | 337 |
| A GÉMEA | 345 |

CAMINHOS MAGNÉTICOS

| | |
|------------------------------|-----|
| O ANJO | 361 |
| A TRAGÉDIA DE D. RAMÓN | 375 |
| OS OLHOS DE CADA UM | 403 |
| O LOBO BRANCO | 411 |
| D. VAMPIRO | 437 |
| A MINHA INIMIGA | 447 |
| O CONSPIRADOR | 471 |
| A ÚNICA ESTRELA | 517 |

Acabou de imprimir-se
em Janeiro de dois mil e dez.

Edição n.º 1017191

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br